

VASOS CERÂMICOS DE ANGOLA

**Paralelos entre alguns exemplares actuais
de Ambrizete e de Gabela
e tipos pré-históricos europeus.**

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO

Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia

LUIZ SALDANHA

Museu Bocage — Faculdade de Ciências de Lisboa

GEOGRAPHICA

1967



Instrumentos usados pelos oleiros de Mucerra (estrada Ambriz-Ambrizete).

VASOS CERÂMICOS DE ANGOLA

**Paralelos entre alguns exemplares actuais
de Ambrizete e de Gabela
e tipos pré-históricos europeus.**

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO

Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa

LUIZ SALDANHA

Museu Bocage — Faculdade de Ciências de Lisboa

A Arqueologia é uma ciência que se impôs em poucas décadas e recentemente, com argumentos convincentes, apresentando contribuições plenas de validade para o enriquecimento, rejuvenescimento mesmo, de outros ramos da investigação; essas contribuições são de tal monta que já não é possível ser tomada como «tarefa de antiquários» ou considerada «um dos ramos das artes».

E se a tal respeito houver quaisquer hesitações, que meditem, os que as sentirem, nos seguintes quatro argumentos, correspondentes a outras tantas realizações objectivas da Arqueologia:

1.º A construção da curva do progresso biológico do Homem, contribuição em que está

quase tudo quanto forma o corpo de conhecimentos da Paleontologia humana.

2.º Ampliação dos horizontes da História (no sentido restrito de história), no valor de alguns milénios; como exemplos chegam os amplos lapsos de tempo conquistados pela Arqueologia, aliada à Linguística, para as histórias egípcia, suméria e caldaico-babilónica, de que foram pioneiros Botta, Friedrich Grotefend, Champollion e Battista Belzoni.

3.º Possibilitação de novos rumos nos métodos de estudo históricos, em resultado do condicionamento da Arqueologia ao objecto da sua observação (vestígios materiais deixados pelas gerações extintas, e não os textos), sugerindo

à investigação histórica, que durante séculos e séculos, quase apenas narrou, com razoável ordenação cronológica, nomes de homens (nem sempre daqueles que mais interessava conhecer), e datas de factos por vezes apenas romanescos, sugerindo-lhe o indispensável e útil estudo das culturas humanas, da paleoetnologia, paleoeconomia, paleogeografia, do seu passado integral, em suma.

4.º Colaboração com a História, nos tempos que à História interessam, para correcção e esclarecimento das deformações e falhas dos textos; as recentes escavações em Aljubarrota, são, deste aspecto, exemplo frisante, podendo agora avaliar-se as razões verdadeiras do espectacular triunfo português.

Citámos quatro contribuições famosas da Arqueologia — e há mais —, que não admitem equívocos quanto à sua objectividade científica. Ninguém duvidará, portanto, de que as ciências naturais, a História e a Filosofia receberam das suas mãos material para novas, novíssimas, tarefas próprias, e a ciência arqueológica isolada nos seus propósitos, com os seus métodos e aperfeiçoando-os constantemente, continuou e continuará, a investigar com resultados de valores diversos, que vai remetendo para o arquivo da insaciável curiosidade humana.

Aperfeiçoando os seus métodos, dissemos: é que estaria em desacordo com a geral evolução dos processos científicos uma Arqueologia que tivesse continuado, como há menos de um século fazia ainda (como ainda faz nos maus meios arqueológicos), apenas a esvaziar jazidas dos materiais que contêm. Se, de facto, foi brilhante a forma como atingiu objectividade de propósitos, também em curto espaço de tempo se tornou notória a evolução das suas técnicas e, assim, adquiriu rapidamente disciplina científica, que se concretizou em: procedimentos transcendentes de rigor no decurso das **prospecções e escavações**; **análise laboratorial** dos materiais exumados, que compete a técnicos de várias especialidades científicas; **interpretação** de todos os dados obtidos sobre cada jazida, interpretação essa orientada, aperfeiçoada e divulgada pelo genial pré-historiador Victor Gordon Childe, modelada em firme e metódica lógica, que encerra um conjunto de regras tão importantes como escavar bem, analisar bem (1).

Três vasos cerâmicos de Lucenga, Ambrizete e Gabela

Para o caso etnográfico que vamos expor há que recorrer aos ensinamentos desse importante capítulo da investigação arqueológica, a «interpretação dos dados», caso que apresentaremos transcrevendo algumas notas lançadas no diário de um de nós (L. S.) quando, como alferes miliciano de um batalhão de caçadores de artilharia, serviu em Angola de Dezembro de 1962 a Fevereiro de 1965.

6 de Janeiro de 1963

Patrulha - auto ao longo da estrada Casa da Telha - Tomboco.

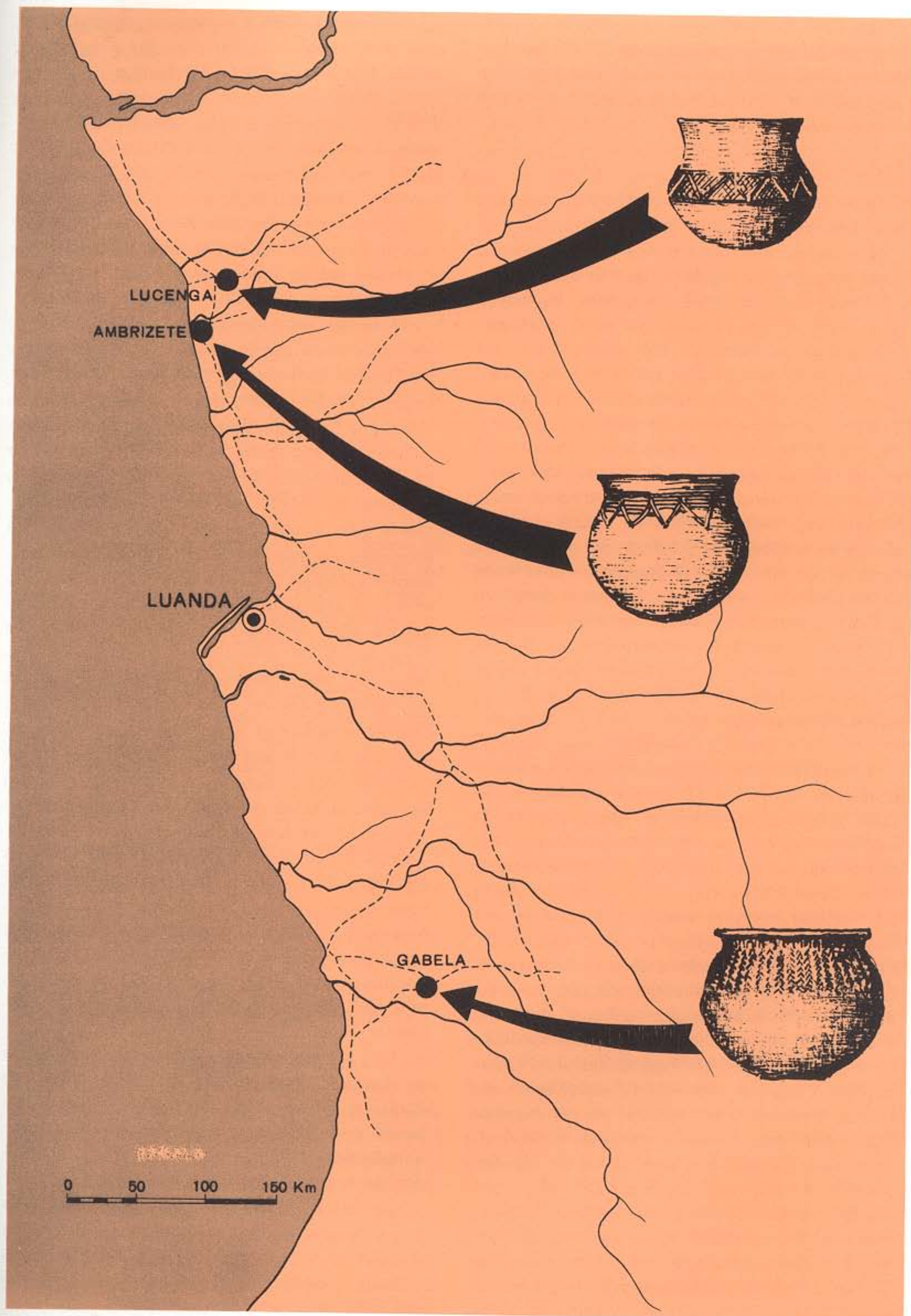
Paragem na sanzala Lucenga, situada a cerca de 40 km de Ambrizete, há muito abandonada pela população (Mussurongos), onde recolhemos materiais de construção para melhorar o nosso acampamento.

Como de costume, procuro peças etnográficas que aí tenham ficado esquecidas. Recolho algumas peneiras para fuba e alguns vasos cerâmicos. Um deles, já quebrado, desperta-me a atenção pela sua forma e decoração, semelhantes a um **campaniforme** europeu! Passo a descrevê-lo:

Mede 10,5 cm de altura, 12,7 cm de diâmetro máximo e 11,6 cm de diâmetro da boca. A decoração é incisa, constituída por duas linhas de sulcos horizontais paralelos, afastados entre si cerca de 25 mm. O espaço compreendido entre as referidas linhas é preenchido por outros sulcos que formam uma dupla linha quebrada, cujos vértices tocam as paralelas limitantes, formando áreas triangulares, que, por sua vez, estão preenchidas por feixes de linhas paralelas cruzadas. A área decorada situa-se entre a cintura e o bojo. Fabrico manual.

30 de Maio de 1964

Compro a um oleiro da Gabela (grupo étnico: Amboins) dois vasos com uma decoração que lembra a estilização de folhas compostas — folhas de acácia. O exemplar mais perfeito mede 14,5 cm de altura, 7 cm de diâmetro no fundo, 22,7 cm de diâmetro máximo e 20 cm de diâmetro na boca. A referida decoração lembra a que mostram alguns vasos de culturas pré-campaniformes da Península Ibérica. Os vasos em causa são de fundo chato e destinam-se à confecção de alimentos. A pasta é de cor de tijolo com algumas manchas escuras produzidas pela irregularidade da cozedura. Foi fabricado manualmente.



No estrangulamento há uma série de depressões produzidas por um instrumento de extremidade romba. A decoração ocupa uma zona que vai desde o estrangulamento até um pouco acima do bojo.

1 de Setembro de 1964

Recolho alguns vasos cerâmicos nas sanzalas de Ambrizete (grupo étnico: Mussurongos).

Um deles, que corresponde a um dos tipos mais vulgares na região e que é destinado à confecção de alimentos, apresenta decoração geométrica incisa próximo do estrangulamento (triângulos preenchidos, até metade da sua altura, por feixes de linhas paralelas horizontais). Os sulcos, em linha quebrada, foram obtidos utilizando um instrumento de madeira com chanfraduras na extremidade (conforme observei ao ver fabricar alguns vasos com decoração incisa). A pasta é castanha muito escura. Fabrico manual.

Este vaso tem 18,2 cm de altura, 21,3 cm de diâmetro máximo e 18,9 cm de diâmetro na boca. A sua forma não se assemelha tanto a um campaniforme como o de Lucenga, porque o estrangulamento está muito próximo da boca. No entanto, a sua forma e decoração dão-lhe um sabor pré-histórico, recordando alguns exemplares cerâmicos característicos das culturas do eneolítico peninsular.

Poderíamos citar muitos outros curiosos exemplares de cerâmicas indígenas adquiridos por Luiz Saldanha ao percorrer várias regiões da província ultramarina de Angola. Mas destacamos apenas os três cujas características já estão apresentadas (figs. 1, 2 e 3), por serem aqueles que mostram analogias com vasos pré-históricos europeus, especialmente os dois primeiros, muito acentuadamente o de Lucenga, do qual trataremos com especial atenção, pela sua flagrante semelhança, quanto à forma, decoração e processo de fabrico (manual), com os vasos da afamada **Cultura do vaso campaniforme**, que, durante o segundo milénio a. C., espalhou os seus restos materiais pela Europa, sendo possível, hoje, distinguir vários e grandes núcleos na Península Ibérica (nas regiões da foz do Tejo e da foz do Sado localiza-se um dos mais importantes núcleos ibéricos), na França, Sardenha, Baleares, Sicília, Itália, região do Danúbio, Boémia e Morávia, Áustria, Hungria, Silésia, Saxónia, Turíngia, Renânia, Holanda, Grã-Bretanha, Irlanda, etc. (14).

Autores lapidares aceitaram-na, estudaram-na, descreveram-na, e foram eles pré-historiadores como Montelius, Pétrie, Déchelette — orientistas quanto às origens da cultura —, Sophus Müller — que julga o vaso campaniforme originário do Sul da Europa —, Reinecke, A. Schmidt, Åberg, Bosch Gimpera, Alberto del Castillo (14) — estes atribuindo à Península Ibérica o berço do estilo — e muitos mais, havendo até quem se incline para uma origem, ou foco de difusão, na Península Ibérica, que se situaria nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal.

O genial pré-historiador V. Gordon Childe, em várias obras que escreveu sobre a pré-história da Europa, considera o vaso campaniforme um símbolo do povo que o fabricava, revelando onde apareça a passagem ou a instalação da respectiva cultura, tão expressivamente como uma garrafa de gin ou um frasco de vodka revelam a dominação europeia da África ou da Sibéria, respectivamente (2). É uma imagem que vale mais pela expressão do que pela exactidão, pois esses recipientes europeus teriam de aparecer, no futuro, em massa, e associados a outros artefactos também típicos, para poderem ser tomados como prova arqueológica de uma autêntica dominação, pelo menos de uma influência indiscutível de culturas europeias em regiões onde não são autóctones. E também descreve a acção desse povo pré-histórico, ao qual chama **Beaker Volk**, atribuindo-lhe o mérito de ter, nesses remotos tempos, aberto as comunicações pela Europa, estabelecido as relações comerciais e difundido a metalurgia.

Pois é com esse afamadíssimo tipo cerâmico pré-histórico que muito se assemelha o vaso de Lucenga, e, por motivos óbvios, é lícito que o fenómeno suscite a etnólogos e arqueólogos um inquérito sobre a sua razão de ser. E, ainda que neste lugar não caiba um inquérito esgotante, tem pertinência a discussão dos seguintes problemas:

1.º A que fenómeno se poderá atribuir o paralelismo? **Propagação** do tipo cerâmico a partir de algum foco de origem longínquo no tempo e no espaço? Simples fenómeno de **convergência** etnológica, portanto ocasional repetição de forma e de decoração?

2.º Em qualquer dos casos, nalguma coisa o paralelismo afecta conceitos assentes sobre o vaso campaniforme como **peça típica** da cultura respectiva e sobre a própria cultura quanto à sua unidade?

Discutiremos cada problema por sua vez, mas, antes de o fazermos, convém desde já esboçar em que aspecto ou aspectos o paralelismo poderia abalar conceitos arqueológicos e pré-históricos importantes, como sugerimos no n.º 2.º.

É que, a provar-se a hipótese da **convergência etnológica**, parece indiscutível que vacilaria a solidez da teoria segundo a qual o vaso campaniforme do calcolítico europeu é uma peça típica que, onde apareça (recordemos a imagem de V. Gordon Childe), define a presença da cultura respectiva, e uma dúvida sobre tal teoria preocupa, certamente, os arqueólogos e etnólogos por motivos óbvios, especialmente aqueles que, comodamente, querem ver na cerâmica em causa como que um **bilhete de identidade** do povo do vaso campaniforme, ou da cultura do vaso campaniforme (uma cultura pode ser peculiar a vários povos, e convém recordar que nem sempre a expressão **povo** tem um rigoroso sentido sobre unidade étnica).

Por outro lado, e provando-se a hipótese da **propagação**, deparam-se-nos várias incógnitas não menos preocupantes: Qual o seu foco de origem? Qual o transcendente mecanismo da propagação desde a Europa, ou África setentrional, até Angola? E porquê a espantosa sobrevivência do tipo cerâmico, durante mais de três milénios, entre populações muito desviadas, do ponto de vista etnológico, das portadoras da cultura pré-histórica do vaso campaniforme?

Propagação, ou convergência etnológica?

Vejamos em primeiro lugar a possibilidade (e o significado) do vaso de Lucenga resultar de uma propagação do estilo campaniforme clássico, até à afastada região africana de Ambri-zete. A ser assim, só poderemos admitir, por falta de melhores elementos, os seguintes focos de origem:

1.º Qualquer dos núcleos europeus já referidos, preferivelmente a Península Ibérica, que, do ponto de vista geográfico, é como que uma ponte entre a Europa e a África, e por ser hoje teoria com muitos adeptos (já aludimos) ter a cultura em causa germinado aí (foz do Guadalquivir, segundo Alberto del Castillo; foz do Tejo e foz do Sado, segundo outros).

2.º Algumas das regiões norte-africanas, mais provavelmente o Egipto, onde alguns tipos cerâmicos têm sugerido aos **orientalistas** loca-

lizar-se aí o berço da cultura, ou, pelo menos, do estilo. A fundamentar esta teoria recordaremos a decoração de linhas formadas por sucessões de pontos incisos que mostram restos cerâmicos do vale do Nilo, alguns vasos da fase pré-dinástica egípcia do Tasiense antigo, entre os quais há exemplares do género campaniforme decorados com incisões, e ainda algumas cerâmicas publicadas por Santa Olalla provenientes do Ifni no Saará espanhol.

Em qualquer dos casos, a distância e o tempo decorrido fazem-nos ficar perplexos perante a hipótese. Mas não nos deixemos impressionar por esses obstáculos, pois não seriam tais grandezas de espaço e tempo que exprimiriam a impossibilidade da propagação. Muitos têm levantado o problema e muitos também consideram como certa a expansão, até bastante para sul, no continente africano, de influência das civilizações pré-históricas europeias. Alguns investigadores — André Berthelot e Dominique Wölfel, por exemplo — architectaram uma civilização paleomediterrânea constituída por um complexo de culturas diversas com alguns elementos que as aglutinariam e que se projectaram até às Canárias Guiné e, transpondo o Saará, até ao Sudão; ao longo da costa oriental africana, pelo Egipto e mar Vermelho, teriam atingido a região do Zambeze. O Saará não teria sido, nesses tempos arcaicos, um obstáculo intransponível, pois fala-se de muito antigas rotas transsarianas entre o Norte de África e o Níger. Por sua vez, o mar facilitaria contactos. Diz-se que os marinheiros gaditanos, no primeiro século A. C., conheciam os arquipélagos das Canárias, de Cabo Verde e dos Açores. Mesmo antes, muito antes, e é Wölfel que o faz ver, os navegadores da cultura megalítica teriam atingido regiões muito além das que podemos supor e, segundo opinião do mesmo investigador, aliás seguida pela de muitos outros, ter-se-á de admitir uma época de navegações, descobertas e de colonizações, nos tempos anteriores à primeira metade do terceiro milénio a. C., levadas a efeito por navios de alto mar, que teriam partido das mesmas praias de onde mais tarde levantaram ferro os exploradores portugueses e espanhóis dos séculos XV e XVI.

O Dr. Harald de Sicard (3) deu-nos uma valiosa síntese destes problemas e apresenta vários argumentos favoráveis à expansão de elementos culturais de diversas ordens originários dessa civilização paleomediterrânea, que se teriam projectado até várias paragens africanas bastante

meridionais. Declara, a certa altura, que teve de se limitar a um número restrito de comparações «mais ou menos vagas», sendo para desejar futuros estudos comparativos. Ora, estamos certos de que não desprezaria esta nossa contribuição relativa ao vaso campaniforme de Lucenga e aos outros dois de Ambrizete e Gabela. Até certo ponto, com este nosso estudo respondemos ao seu apelo.

Muitos e variados são os paralelos apresentados por Sicard (de ordem arquitectónica, ornamental, mágica e religiosa; simbolismos, tatuagens, folclore, etc.), evocando investigadores como Anderson, H. Baumann, L. Frobenius, que não tiveram dúvidas em considerar uma expansão de elementos paleomediterrâneos que se projectaram África dentro, até à Costa do Ouro (Ghana), Sul da Nigéria, etc. Mas evocar estas correntes de opinião, mesmo reforçá-las com novos argumentos, não é tê-las como certas. Esgotante, incompatível com a vida de um homem, seria tentar prová-las. Não chegou Sicard a apresentar um paralelo tão flagrante como é o vaso de Lucenga. Pois, mesmo assim, que o paralelo resulte de **propagação** não o julgamos provado. E porquê? Por dois motivos fundamentais:

Em primeiro lugar, o vaso em causa enquadra-se num grupo de vasos angolanos em que predominam as características seguintes: fabrico manual; estrangulamento que lhe dá um perfil em S; decoração geométrica incisa. Ora, num deles, aquele que está em discussão, excepcional e ocasionalmente o estrangulamento foi produzido a cerca de 2,5 cm abaixo do bordo, resultando um perfil equiparável ao dos vasos campaniformes do calcolítico europeu; os restantes têm esse estrangulamento muito perto da boca, pormenor suficiente para que se desviem do que exprime o vocábulo «campaniforme».

Quanto à decoração, aconteceu que o motivo é muito semelhante aos que podemos ver nos referidos vasos pré-históricos. Já a descrevemos; quase todos os outros vasos do mesmo grupo mostram decorações que não sugerem paralelo tão flagrante. Portanto, perfil e decoração, por coincidência excepcional, julgamos, destacam o vaso em causa dos restantes em cujo grupo o podemos incluir.

O segundo aspecto é o que se refere à sua utilização. Também já comentámos que o vaso de Lucenga era utilizado pelos indígenas angolanos para confecção de alimentos. Ora, como é

sobejamente sabido, atribuem-se ao vaso campaniforme pré-histórico funções bem mais solenes: a função de vaso relacionado com o ritual funerário; para libações rituais, de uma bebida que se assemelharia a cerveja (porque um vaso campaniforme português continha um grão de cevada!).

Depositando ainda alguma confiança na utilidade da comparação entre elementos etnográficos de primitivos actuais e seus paralelos formais pré-históricos, um etnólogo, ao averiguar a utilização dada ao vaso de Lucenga, atribuiria aos da célebre cultura campaniforme uma função semelhante (confecção de alimentos) e, como parece, seria induzido em erro, se é que estes últimos serviam **exclusivamente** para fins rituais, funerários ou não.

A Etnologia tem verificado casos deste género e será por isso (porque o tempo e as distâncias tanto têm desvirtuado as funções dos artefactos pré-históricos cujas formas se mantiveram entre os primitivos actuais) que hoje se deposita menos confiança no recurso a paralelos etnológicos para a interpretação funcional.

Detenhamo-nos um pouco neste pormenor, pois é assunto que está tanto em causa no nosso estudo que, não podemos saltar levemente sobre ele.

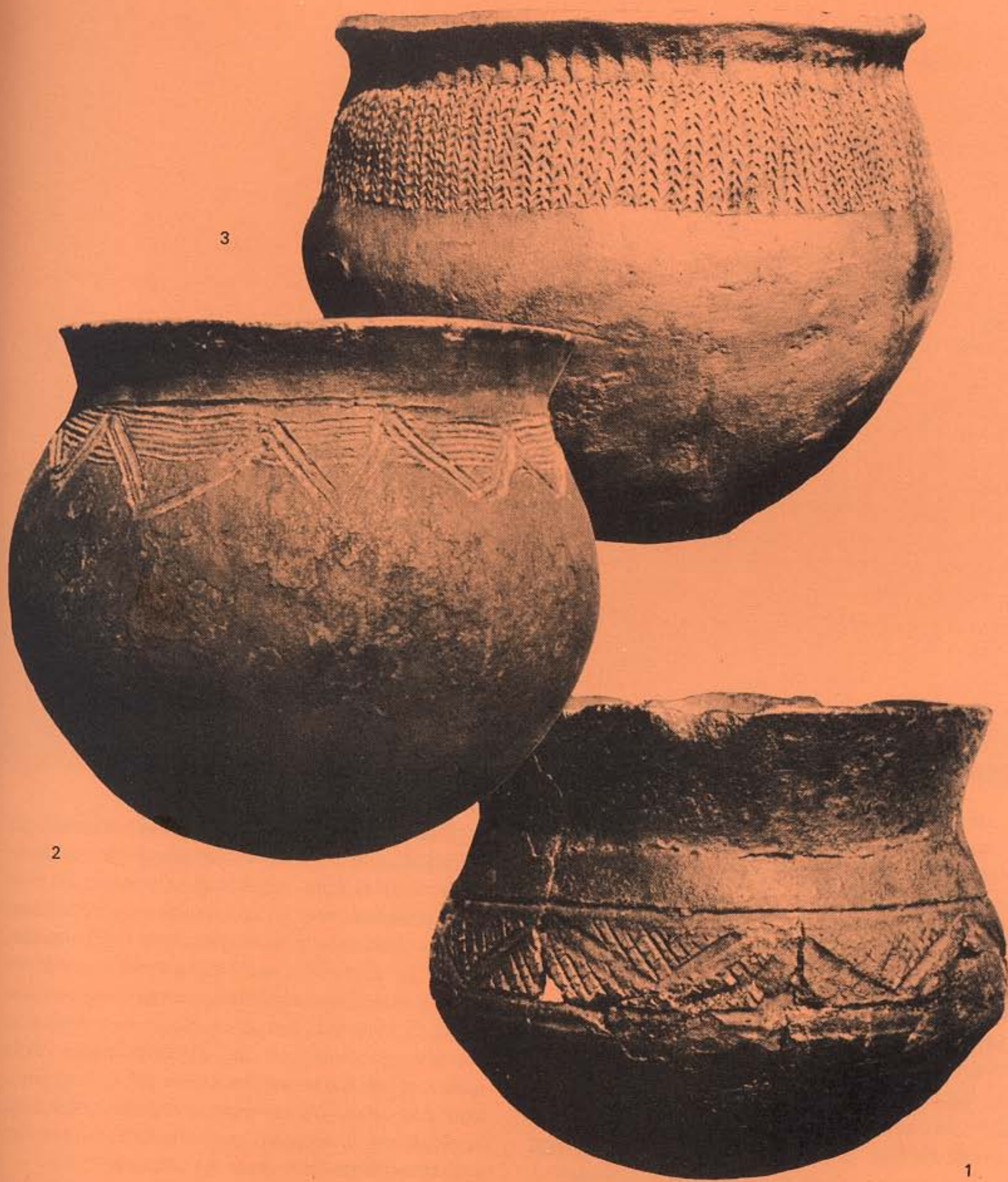
Na realidade, tem-se posto recentemente algumas restrições ao método, mas vejamos em que medida.

A este respeito citaremos a opinião de Kunz Dittmer (4) sobre a que ponto nós poderá a etnologia servir para esclarecer os problemas das culturas do passado.

Concretamente, diz-nos que: «El material arqueológico reciente sólo puede, pues, aclarar con alguna certeza, mediante sus métodos histórico-culturales, la fase cultural existente al aparecer las razas del **Homo sapiens**».

De facto é transcendente averiguar-se se são equiparáveis os estádios mentais dos primitivos actuais com os dos primitivos pré-históricos, mesmo se nos localizarmos apenas no **Homo sapiens**. Não sendo equiparáveis, é evidente que resultariam perturbadas quaisquer conclusões a que se chegasse procurando equivalências entre os seus produtos etnológicos.

Não menos difícil é saber-se a que ponto teria sido alterada a pureza das manifestações de carácter etnológico de certos primitivos de hoje, em consequência de contacto que, mais ou menos recentemente, possam ter tido directa,



1—Vaso de Lucenga (do tipo campaniforme)

2—Vaso de Ambrizete

3—Vaso de Gabela com decoração incisa
em espinha (folhas de acácia)

ou indirectamente, com elementos de culturas muito evoluídas. Podemos afirmar no entanto que, além de Kunz Dittmer, etnólogos e arqueólogos de bom nível e modernos — Alexandre Mongaït (5), por exemplo — não contestam que o estudo da etnologia dos primitivos actuais permite avaliar características das culturas pré-históricas, especialmente das pós-paleolíticas, que, de outra maneira, seriam difíceis de inferir da simples análise dos restos arqueológicos, estes nem sempre suficientes para dar todas as formas de vida económica, organização social, ideológica, etc.

Ora, nós estamos em bom campo, pois os povos do eneolítico europeu enquadram-se plenamente no **Homo sapiens**, e assim poderemos concluir que há mais um argumento favorável à hipótese da **convergência**. Na realidade, a propagação de um tipo etnográfico até uma região distanciada do seu foco originário de cerca de 6000 km e a sua persistência durante alguns milénios só seria fenómeno possível com o apoio de um simbolismo potente; e não parece provável que esse simbolismo se tivesse apagado totalmente, subsistindo e com grande evidência apenas características formais.

Vaso campaniforme e cultura campaniforme

Já apresentámos as razões por que nos inclinamos para a solução **convergência etnológica** relativamente ao vaso campaniforme de Lucenga. Aqueles que preferam a hipótese contrária — **propagação** — têm de, para a ver provada, esperar que o desenvolvimento da arqueologia africana encontre as vias respectivas e as fases culturais intermediárias, a estabelecer a relação entre os campaniformes europeus e o exemplar de Angola.

Ora, sendo assim, se por mero **acaso**, como nos parece, os indígenas do Noroeste de Angola fabricam, hoje, vasos que se confundem com os campaniformes pré-históricos, coisa semelhante poderia ter-se passado na Europa durante o segundo milénio a. C., mesmo antes, e também depois, em qualquer época, em suma, e em qualquer região, e, conseqüentemente, algumas estações europeias consideradas da cultura campaniforme podem ter sido tomadas como tal em consequência das cerâmicas nelas encontradas terem permitido uma interpretação ilusória em tal sentido.

Esta hipótese pode escandalizar, mas está dentro da lógica, e tanto está que não somos nós os primeiros a admiti-la; nada nos preocupa perdemos, assim, alguma originalidade, pois desta maneira a nossa advertência à tarefa da interpretação dos dados arqueológicos ganha força. De facto, o assunto já foi tratado, embora sumariamente, no I Congresso Nacional de Arqueologia pelos arqueólogos Maxime Vaultier e O. da Veiga Ferreira, numa nota ligeira, «resenha», como dizem os autores, cujo título é sugestivo: «Vasos de tipo campaniforme de países longínquos» (6).

Tal nota foi-lhes sugerida por alguns vasos do tipo campaniforme da Malásia, que os autores viram em fotografias no **Illustrated London News**, e os comentários que transcrevemos coincidem perfeitamente com o nosso ponto de vista.

«... Muitas vezes se cai no erro de classificar uma estação como pertencente à cultura campaniforme apenas por fragmentos cerâmicos que, à primeira vista, têm ornamentação semelhante à daqueles vasos pré-históricos ...»

Ora, a afirmação que fazem é muito importante para nós, não nos fossem imputar o **atreimento** de sermos os primeiros a admitir que **arqueólogos** classificassem uma estação no aspecto corológico fundamentados num só tipo de materiais.

Os referidos autores também citam outros paralelos africanos, indianos e peruanos, que faziam parte de uma colecção exposta no Petit Palais, em Paris.

Quem não for especializado em arqueologia julgará que o princípio intuitivo de não se dever tomar uma **cultura arqueológica** por um só dos seus sintomas tem guiado sempre todos aqueles que se dedicam a esse ramo da investigação. Mas não foi assim na infância da arqueologia e não é assim, ainda hoje, nos maus meios arqueológicos, e temos de admitir que nem todos os meios arqueológicos são óptimos, tanto mais que, por se tratar de um ramo de investigação que não visa lucros, grande número dos seus cultivadores investigam por amadorismo, sem ao menos se auto-instruírem na matéria.

Inicialmente (e pode hoje ainda acontecer), escavar uma estação não passava de esvaziar as jazidas dos materiais que continham. Só depois da escavação concluída se seleccionavam os materiais por **tipos** que mostravam aparentes afinidades, e criava-se com cada grupo de peças assim obtido um compartimento cultural ou cronológico.



Mas quando os indícios tipológicos não eram muito evidentes caía-se no erro de considerar **conjuntos** (materiais cuja associação é garantida por condições de jazida) que não o eram, mas sim **misturas** produzidas muitas vezes durante a própria escavação, porque não se haviam identificado previamente **estratos**, cada um correspondente à sua época, cada um contendo materiais **associados** entre si, estes constituindo autênticos **conjuntos** definindo unidades culturais e cronológicas seguras. Voltaremos a este assunto.

Concretamente, no que respeita às estações atribuídas à cultura campaniforme do nosso território temos como certo que algumas delas continham mais do que uma cultura (veremos, oportunamente, que o arqueólogo alemão E. Sangmeister é da nossa opinião). A deficiência das escavações nelas efectuadas na infância da arqueologia tem, na realidade, levado a considerarem-se associados à cerâmica campaniforme

Cozedura de cerâmica — Ambrizete.

materiais de culturas anteriores e posteriores, ou porque não se interpretaram bem os dados estratigráficos, ou não foi possível decifrar o significado da posição de materiais de diversos **conjuntos** (já sabemos o que são), que, por estarem próximos uns dos outros ou misturados, foram tomados como pertencentes a um só **conjunto** (caso das sepulturas colectivas onde povos de diversas culturas e em várias épocas tumularam lado a lado).

As grutas de Cascais, escavadas em 1879 por Carlos Ribeiro, são um exemplo nítido da situação; e, para justificar o anacronismo do espólio, O. da Veiga Ferreira (que vê, aí, a cultura campaniforme e influências da cultura almeriense e dolménica) apresenta como solução tratar-se de uma «cultura mista» (7). O que é certo, porém, é que o engenheiro Abreu Nunes explorou,

recentemente, zonas dessas grutas que haviam ficado intactas, e o espólio exumado suscitou ao arqueólogo A. do Paço o seguinte comentário, em que já se adianta um pouco mais: «Reconheceu-se-lhe (ao eneolítico campaniforme) um presumível fundo de maior antiguidade» (8).

Em presença dos casos de Lucenga que trazemos para a discussão, dos exemplares da Malásia, Índia, América do Sul e outros paralelos africanos, referidos por M. Vaultier e Veiga Ferreira, parece não haver dúvidas de que o tipo cerâmico campaniforme pode aparecer fora do seu ambiente cultural clássico. Sendo assim, também parece admissível, insistimos, que, mesmo nas regiões e épocas em que o vaso campaniforme foi produzido em massa, constituindo peça típica de populações com muitas afinidades culturais e talvez também étnicas — não o contestamos —, outros povos, noutros estádios culturais, tivessem fabricado por **convergência** cerâmicas que hoje criam dificuldades à interpretação arqueológica, devendo, portanto, os arqueólogos esmerar-se nos seus diagnósticos, que devem obedecer a prudentes regras, aliás há muito conhecidas.

Mas o problema torna-se mais transcendente porque não só a **convergência** poderá explicar a presença de campaniformes em diversos ambientes culturais; a lógica também nos permite admitir que povos portadores de qualquer modalidade cultural tivessem **copiado** vasos campaniformes porque os conheceram e tiveram simpatia pelo estilo; também os poderão ter adquirido por **trocas, dádivas** ou **extorsão**, e, nestes últimos casos, **autênticos** vasos campaniformes, fabricados no seu ambiente etnográfico próprio, apareceriam em jazidas relativas a ambientes culturais muito diferentes ... desnorteante situação para o interpretador dos dados arqueológicos de tais jazidas!

Mas o fundamental dos raciocínios apresentados até agora cairia pela base se todos os vasos campaniformes da Europa pré-histórica obedecessem a um conjunto de características (perfil, decoração, pasta, acabamento, etc.) de tal maneira fixas que não permitissem equívocos com quaisquer produtos cerâmicos resultantes de **convergência** (contemporâneos ou posteriores) e de **cópias** grosseiras.

Mais uma vez o profano pensará: Mas não é assim? Não há um **estilo** campaniforme só por si capaz de resolver qualquer equívoco?

Temos de recorrer aos depoimentos de especialistas, para insinuarmos melhor a transcendência dos problemas relativos ao estilo campaniforme e, assim, vemos alguns que, como V. Gordon Childe (2), admitem um estilo cerâmico clássico: «O vaso (Beaker) clássico é feito de matéria-prima relativamente fina, areia de boa qualidade, revestida de uma camada brunida de cor intermédia entre o vermelho-tijolo e o negro; é decorado com zonas de linhas formadas por sucessões de pontos — ponteados *à la roulette* — alternando com outras zonas não decoradas.

Mas, não obstante esta opinião, que muitos perfilham e que realmente corresponde a um tipo de campaniforme com certo significado etnológico, ao qual Edward Sangmeister chama **ocidental** e Alberto del Castillo **marítimo**, convém evocar a opinião de um experiente arqueólogo espanhol, o Prof. Maluquer de Motes, da Universidade de Barcelona, sobre tipo puro e degenerado do vaso em causa (9).

Pois entende ele que não assentam em bases científicas as teorias sobre tipos **puros** ou **degenerados** e respectivas cronologias dos campaniformes peninsulares e que a teoria da pureza ou degenerescência dos tipos de campaniformes (como se vê notam-se variantes) é inadmissível, porque pressupõe, *a priori*, uma cronologia relativa sem base firme. Ora, não havendo garantia alguma sobre a cronologia relativa dos tipos, não se saberá qual o **tipo puro**, do qual, logicamente, descenderá o **degenerado**. Maluquer reforça o seu cepticismo evocando uma opinião de Alberto del Castillo, quando este diz: *ni siquiera alcanzamos a presentar con seguridad la posición cronológica relativa entre los diversos tipos de vasos campaniformes peninsulares*.

É fácil avaliar qual a importância destas dúvidas. Não se podendo identificar um **tipo** puro de vaso campaniforme, também não se saberá quais são as formas evolucionadas, influenciadas por outros estilos, degeneradas e muito menos as formas resultantes de **convergência etnológica** e de **cópia** (a não ser que sejam excessivamente desviadas). Mantém-se ainda mais, em resultado desta situação, a necessidade de identificar as estações da cultura campaniforme pelo isolamento de **conjuntos** seguros das peças típicas que a definam ou pelas suas modalidades regionais e cronológicas.

Veremos, oportunamente, que há quem se se preocupe mais com a cronologia dos diversos

tipos do que com a sua pureza, mas insistamos ainda um pouco nesse primeiro aspecto.

Evidentemente que se quisermos procurar um **tipo puro** de vaso campaniforme teremos de entrar em linha de conta com: pasta, forma, acabamento (onde se inclui cor e engobe), decoração dos pontos de vista da técnica de a produzir e efeito estético, características estas que deveriam ser, quanto possível, uniformes. Pois, não obstante o estilo puro concebido por Childe, vem a propósito recordar a variedade de **formas**, de **estilos decorativos** e de **acabamentos** de vasos tidos como **campaniformes indiscutíveis**; e dizendo indiscutíveis nós teríamos de os tomar como também indiscutivelmente incorporados em conjuntos que definam a cultura respectiva. E, assim, evocaremos os campaniformes com pegas da Boémia, os esguios campaniformes ingleses, os bem cintados perfis de Ciempozuelos, os deformados espécimes de Frankenthal, etc. Lembramos que uns têm fundo plano, outros curvo e que as decorações, conforme as regiões, são um mostruário variado das combinações possíveis conseguidas com motivos geométricos incisos, a linha contínua ou ponteadada, havendo até campaniformes com «decoração cordada» e outros sem qualquer decoração.

Se a pureza do tipo fica algo comprometida com os exemplos que apresentámos, não menos comprometida fica a **unidade** da cultura campaniforme, reparando na variedade de indústrias, concepções, costumes funerários, etc., a que os seus portadores se teriam adaptado conforme as regiões onde são localizados os respectivos restos arqueológicos. Para nos compenetrarmos desta situação basta respigar da obra de G. Childe (o defensor da unidade da cultura e da pureza de um estilo cerâmico) alguns comentários, entre outros, que faz a respeito das modalidades regionais da cultura em causa (2 e 10).

E, assim, diz-nos, por exemplo: que as cerâmicas do povo **beaker** e os seus vestígios aparecem, quase sempre, **misturados** com restos de outros grupos «salvo talvez ... na Espanha central»; que no Sul da Sicília, Sardenha, Península Ibérica, França meridional, Bretanha e ilhas Normandas são de **muitos tipos as suas sepulturas** — grutas artificiais, túmulos hortostáticos, **thóloi**, galerias, cistas, etc.; nessas várias sepulturas, os seus restos **aparecem juntamente com outros de muito distintas civilizações**; que depois de estabelecidas na Europa central, os povos **beaker** formaram **civilizações híbridas** em contacto com

outros grupos; que na Morávia alguns homens **beaker** praticavam a incineração em sepulturas sob **túmulos** dos homens da cultura dos machados de combate; que o número de **beakers** e a variedade das suas decorações são factos que implicam que tais vasos **devem ter-se mantido em moda durante muitas gerações** e que é grave erro considerá-los todos contemporâneos, pois, pelo contrário, os vasos campaniformes marcam um **período de tempo substancial**.

Vendo mais de perto algumas regiões do campaniforme, apreciaremos melhor ainda como são hesitantes os conceitos sobre essa **misteriosa cultura** (como alguns a classificaram).

Em primeiro lugar reproduziremos o que se passou em Inglaterra entre 1912 e 1955 em resultado das investigações exaustivas feitas pelos arqueólogos ingleses sobre a cultura que nos ocupa. É também Gordon Childe quem nos conta (1) que, em 1912, Abercromby tinha definido uma cultura **beaker** caracterizada por certos vasos campaniformes, punhais de bronze, pontas de seta com pedúnculo e enterramentos sob túmulos redondos. Mas reconheceu três tipos diferentes de **beakers** que designou por A, B, C. Em 1931, Clark e Grims acentuaram que os **beakers B** não poderiam considerar-se derivados dos **beakers A** e que cada tipo mostrava associações diferentes, com distribuição geográfica também diferente. Piggott, em 1938, evidenciou que os **beakers B** podiam subdividir-se em B1 e B2, independentes tipologicamente e com associações e distribuições também diferentes. Em 1955 reconheciam-se na Grã-Bretanha, portanto, **quatro modalidades da cultura beaker**.

Gordon Childe, que, como referimos, regista tantas variedades culturais nos grupos campaniformes do continente, resolve a dificuldade dessas quatro modalidades inglesas considerando o **bell-beaker**, mesmo assim, um **tipo de diagnóstico** com variantes locais: as inglesas, as da Bretanha, da Renânia, do Elba e do Danúbio, dos Pirenéus, de Almeria, etc., partilhando todas, segundo acrescenta, notáveis características comuns em técnica, forma, decoração, de que não são réplicas os **beakers A** britânicos, nem quaisquer outras classes de cerâmicas. Para ele, o **bell-beaker** possui características que o definem **ostensivamente**, qualidade indispensável a qualquer peça típica que, para caracterizar uma **cultura** do ponto de vista arqueológico, deve, mesmo assim, **associar-se inequivocamente**,



1



2



3



4

pelo menos, a mais duas peças típicas, impondo-se que os conjuntos desta maneira formados mostrem uma distribuição geográfica definida (1).

Considerada, por alguns, como berço da cultura campaniforme, pelo menos região onde as manifestações dessa cultura se apresentam ao mesmo tempo expressiva e confusamente — já o deixámos entrever —, a Península Ibérica (Portugal em particular) carece de uma plêiade de investigadores que não percam de vista o princípio de interpretação que acabámos de apresentar. Desde os Pirenéus à costa ocidental identificam-se, hoje, três tipos principais de vasos campaniformes, além de outras formas cerâmicas acessórias, cujas condições de jazida são diversas e os conjuntos heterogêneos. Para se avaliar a situação resumiremos alguns conceitos recentes sobre o problema e a sua evolução até ao que parece ser a última palavra, lastimando termos de recorrer apenas aos resultados das investigações de arqueólogos estrangeiros.

Segundo o já referido Prof. Maluquer de Motes, podem distinguir-se, hoje, duas etapas da cultura campaniforme na Península Ibérica (9). Uma define-se pelas características e conjuntos seguintes: enterramentos individuais em fossa; vaso campaniforme de tipo fixo e outras peças cerâmicas (taça e caçola), todos com ornatos a linhas incisadas contínuas; punhal de bronze com lingueta; placa de arqueiro; adornos de ouro, etc., sendo de registar a quase ausência de sílex.

O referido professor espanhol denomina esta feição cultural «Cultura de Ciempozuelos», considerando-a fixa, possuidora de uma técnica metalúrgica desenvolvida e originária, talvez, de um centro europeu extrapeninsular; cronologicamente poderá localizar-se nos tempos imediatamente posteriores ao bronze Médio.

Em sua opinião, esta feição campaniforme de Ciempozuelos distingue-se nitidamente daquela a que ele chama cultura do vaso campaniforme (1), que se manifesta expressivamente em Portugal e se define por: tumulações colectivas em grutas, dólmenes e thóloi, predominando a cerâmica com decoração a ponteados, uma metalurgia menos evolucionada, abundando os artefactos de sílex e de pedra polida, os objectos de adorno, de culto, etc. Entende Maluquer que as origens desta modalidade (cujos elementos paleoetnológicos tanto se distinguem dos de Ciempozuelos) estão em Portugal, com muitas probabilidades, nas regiões da foz do Tejo e da foz do Sado.

A justificação deste ponto de vista de Maluquer pode muito bem estar numa teoria recente e muito interessante do arqueólogo alemão, já referido Prof. Edward Sangmeister, acentuada por Beatrice Blance (11), investigadores estes que conhecem directamente os problemas peninsulares.

Segundo uma teoria de Sangmeister, o povo do campaniforme ibérico, procurando novas fontes de metal (não esqueçamos as suas aptidões como metalurgistas), deslocou-se até à Europa central, onde uma ponta da sua máxima penetração foi sustida pela resistência que lhe opuseram possivelmente os homens da cultura de Vucedol. Retrocederam então os do campaniforme, dando origem aos grupos da Boémia, Alemanha central e Renânia. Prosseguindo para oeste e já adaptado a outras correntes culturais, a novas técnicas metalúrgicas, o povo da cultura Campaniforme atingiu o Sul da França e regressou à Península Ibérica (Espanha e Portugal). Esta teoria é realmente atraente e demonstra quanto ainda há a investigar sobre o apaixonante problema do campaniforme. Sangmeister foi o primeiro a compreender (diz B. Blance) este movimento de refluxo (Rückstrom) da cultura campaniforme e a definir certos elementos culturais inerentes.

Porém, um facto arqueológico de grande importância veio abrir novos horizontes na questão do campaniforme peninsular e proporcionou a Sangmeister um esquema muito aceitável, no qual tipos, cronologias e culturas nos aparecem desenhados com mais nitidez (12), convido acrescentar que, logo de seguida, Bosch-Gimpera lhe opõe algumas objecções (14), circunstância esta que nos esclarece sobre a flutuação de conceitos relativos à cultura do vaso campaniforme.

Uma estação arqueológica bretã, Bernenez-D, ofereceu uma estratigrafia que demonstra a grande antiguidade de um tipo de vaso campaniforme que está muito relacionado com Portugal. Esse vaso, de tipo muito especial — tipo **ocidental**, como propõe Sangmeister... já o definiremos —,

- 1 — Kralupy (Boémia).
- 2 — Litomaritz (Boémia).
- 3 — Kralupy (Boémia).
- 4 — Gruta de Castellet (Sul da França).
- 5 — Palmela (Portugal).
- 6 — Anghelu Ruju (Sardenha).
- 7 — Bigum (Jutlândia).
- 8 — Frankenthal (Renânia).
- 9 — Tents Moor (Grã Bretanha).



5



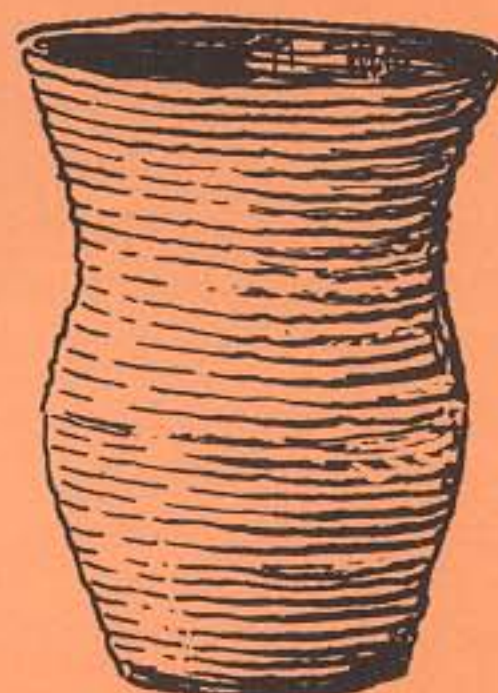
6



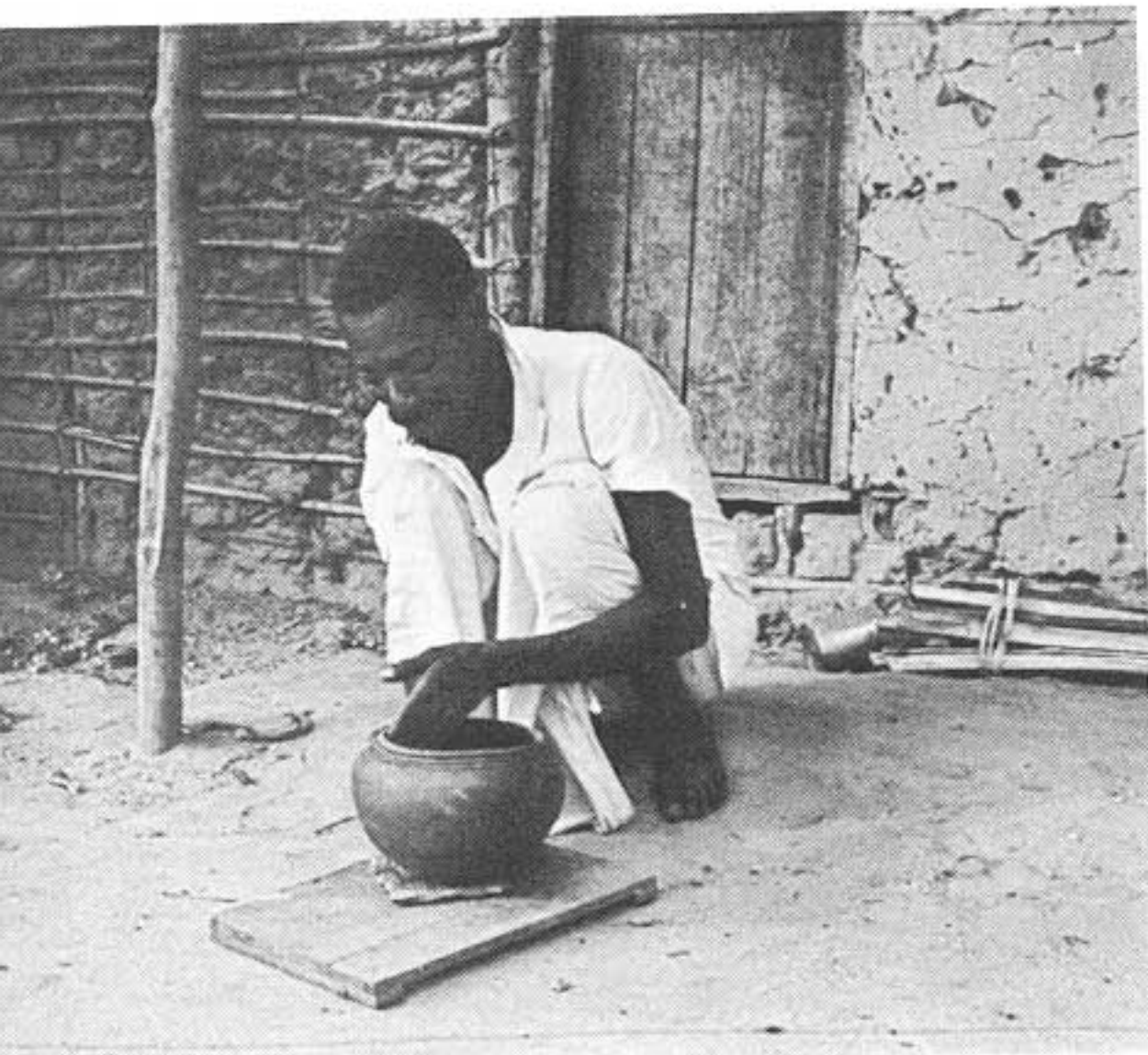
7



8



9



Oleiro de Ambrizete

apareceu num estrato acompanhado de exemplares de cerâmica bretã do Chasseiense. Sobre este estrato assentava outro com tumulações cujas cerâmicas são atribuíveis à cultura SOM (Seine-Oise-Marne) da primeira Idade do bronze e anterior à cultura do bronze propriamente dita da Bretanha e Wessex.

Vejamos agora o que significa este tipo **ocidental** e se há algum outro tipo que possa ser considerado o **oriental**. Responder-nos-á Sangmeister, afirmando que:

1.º Há realmente um tipo muito característico de vaso campaniforme (ocidental ou marítimo) que predomina em Portugal, Galiza, e Bretanha. É caracterizado pelo seu perfil em S acentuado, com fundo muitas vezes plano, e por uma decoração monótona de linhas oblíquas, a ponteados, distribuídas em zonas que circundam o vaso, alternando com zonas não decoradas, etc. Como se vê, este tipo aproxima-se bastante daquele a que Gordon Childe chama **beaker puro** (2);

2.º — Há um outro tipo que Sangmeister considera o **oriental**, e que é muito mais rico quanto à decoração, a qual é constituída por motivos geométricos incisos variadíssimos, sendo mais rara a técnica do ponteados; é caracterizado, ainda, por revestir formas menos esbeltas do que o **ocidental** e aparecer acompanhado por outras variantes cerâmicas tais como a caçoila, a taça com bordo decorado na parte superior (entre nós, o tipo de Palmela), com ou sem pé, etc.

O berço desse tipo **oriental** teria sido a Boémia, Morávia, Baviera e Alemanha central; ter-se-ia, depois, expandido até à Península Ibérica, dando origem ao grupo português (do vaso não ocidental) e a outros que já veremos.

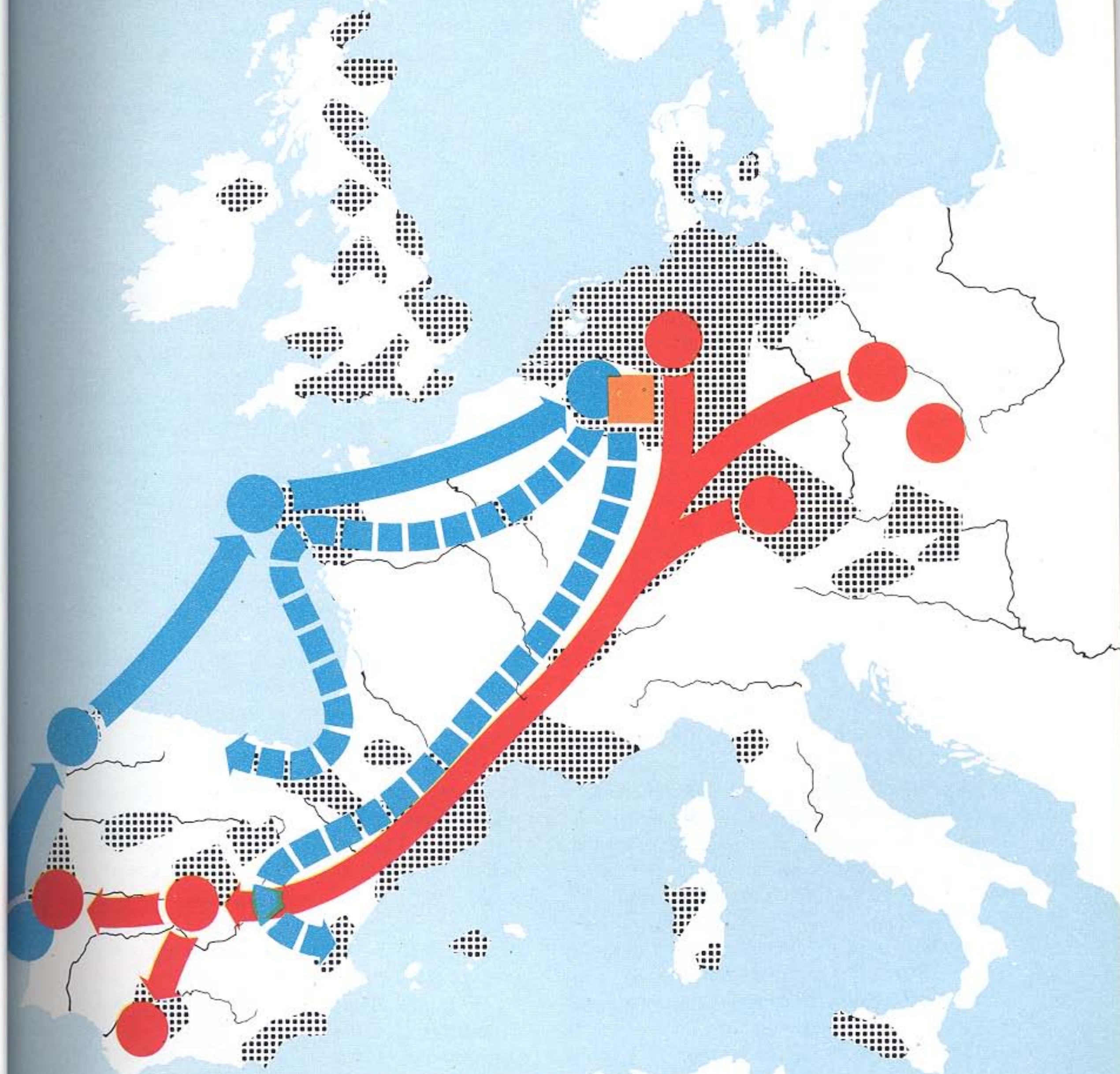
3.º Sangmeister admite ainda, um tipo resultante do encontro, fora da Península, do vaso ocidental com a cerâmica cordada do Reno, variante que, em dado momento, também penetrou na Península, não atingindo Portugal.

Discutindo as cronologias destas três modalidades de vasos campaniformes, diz Sangmeister que a segunda, pelas características dos enterramentos que acompanha (individuais e em sepultura plana), sem tradição acentuada na Península (a não ser depois da formação tardia do grupo de Ciempozuelos), e por outras particularidades dos respectivos conjuntos, desenha nitidamente a sua génese nas referidas regiões da Europa central, sua expansão pelo Sul da França, até à Meseta Ibérica, Carmona e Portugal.

Para a sua instalação na Península não acha possível encontrar outra cronologia que não seja a de El Argar, sendo, portanto, uma cultura tardia, facto que já havia sido reconhecido por Beatrice Blance e Maluquer de Motes (que o grupo de Ciempozuelos devia ser o mais recente). A sua presença nas nossas estações deve corresponder às instalações mais modernas, e se encontramos estas cerâmicas ilusoriamente associadas a materiais mais antigos, por vezes ao próprio campaniforme ocidental, é porque estavam **a seu lado**, e não com eles **associados de facto**, em consequência, especialmente, de sucessivas tumulações em sepulcros colectivos, onde não se formou estratigrafia esclarecedora, ou onde não a deciframos.

A cronologia do **tipo ocidental combinado com a decoração de cordas** (tipo menos expandido do que os outros) só teria surgido por adição de estilos (depois do contacto do ocidental com a cerâmica de cordas do Reno), tendo de se admitir que o fenómeno se passou durante a primeira fase da Idade do Bronze da Europa central (de acordo com a estratigrafia de Baldeg-Suissa — e a cronologia aceite para a cerâmica de cordas). Seguindo duas vias, entrou na Península Ibérica — Catalunha, Espanha central e Valência —, onde marca uma indiscutível influência centro-europeia (da Renânia), não podendo ser, neste extremo ocidental do continente, por razões óbvias, um tipo mais moderno do que o tipo **ocidental**.

- Núcleos da cultura do vaso campaniforme.
- Núcleos do vaso campaniforme do tipo ocidental.
- Núcleos do vaso campaniforme do tipo oriental.
- Núcleo da cerâmica renana com decoração de cordas.
- ➡ Expansão do tipo ocidental.
- ➡ Expansão do tipo oriental.
- ➡ Expansão do tipo misto.



Uma teoria (Sangmeister) sobre as origens e expansão de três tipos de vaso campaniforme.

Já vimos qual a cronologia do estilo ocidental na Bretanha. E em Portugal?

Em Bernenez, de acordo com os dados de que hoje dispomos, corresponde cronologicamente aos primeiros exemplares do grupo **oriental** e é anterior à formação do tipo combinado com cordas, por motivos também óbvios.

Não derivando do **oriental** nem do **misto**, há, portanto, que procurar, diz Sangmeister, uma **origem ocidental** para o **vaso ocidental**, e essa origem, propõe ele também, é Portugal, região que tem tradições de anteriores contactos culturais com a Bretanha (cultura megalítica); e esses contactos continuaram, como está patente nas analogias notórias entre os sepulcros colectivos de ambas as regiões, nos quais está presente o **vaso ocidental**, em Portugal não incorporado nas tumulações mais modernas, mas sim nas mais antigas, cuja distinção das primeiras, repetimos, é impossível ou difícil. Sendo assim, propomos nós agora para este tipo a designação de **vaso campaniforme português**.

De tudo quanto referimos neste capítulo há que tirar conclusões para o caso que nos interessa, que, em síntese, são: a **cultura do vaso campaniforme** e a própria cerâmica que é o seu mais típico elemento arqueológico, com as suas várias modalidades regionais, cronologias diversas e incertas (que são propostas conforme os critérios dos vários especialistas e divergem de região para região), heterogeneidade dos conjuntos respectivos, de condições de jazida, etc., está longe de constituir uma **questão resolvida**, não obstante o esforço despendido por vários eminentes arqueólogos e pré-historiadores.

Na Península Ibérica vemos, hoje, três tipos com histórias diferentes e não temos a certeza sobre se houve dois focos independentes (Portugal e a Morávia) ou só um (qualquer das duas regiões citadas), não falando na possibilidade da situação se complicar com o Egipto, onde estaria o foco mais antigo e que se teria expandido pela Europa central (vale do Danúbio) e pelo Mediterrâneo. Por outro lado, não está também definida a equação vaso-povo-cultura, hesitando os mais notáveis especialistas em empregar a tal respeito uma linguagem firme.

Admitindo a possibilidade de que a situação resulta, também em parte, de perturbações causadas por fenómenos de **convergência etnológica**, de **troca e cópia** de produtos cerâmicos, impõe-se que, durante uma escavação em que se suspeite

estar presente o problema campaniforme, se observem os mais rigorosos princípios de interpretação, pois pode-se estar em frente de uma chave que não se deve destruir pela excessiva confiança em certezas que não o são ainda.

A avaliação de cronologias absolutas pelo método do C. 14 é já impraticável para as jazidas totalmente esgotadas. Esta situação ainda mais estimula no sentido de que, durante as futuras explorações, se recolham, sempre que possível, amostras de materiais susceptíveis dessa análise, pois serão estes os dados que, melhor do que outras conjecturas, nos aproximarão de realidades sobre foco de origem, etapas de propagação, maior ou menor antiguidade de estilos cerâmicos, etc. Já o temos feito e proposto noutros estudos.

E se algo de muito pessimista está na nossa posição, que a exorbitância nos seja relevada pelo que possa conter de salutar quanto à necessidade de aferir conceitos assentes pouco flexíveis e de aperfeiçoar os métodos arqueológicos.

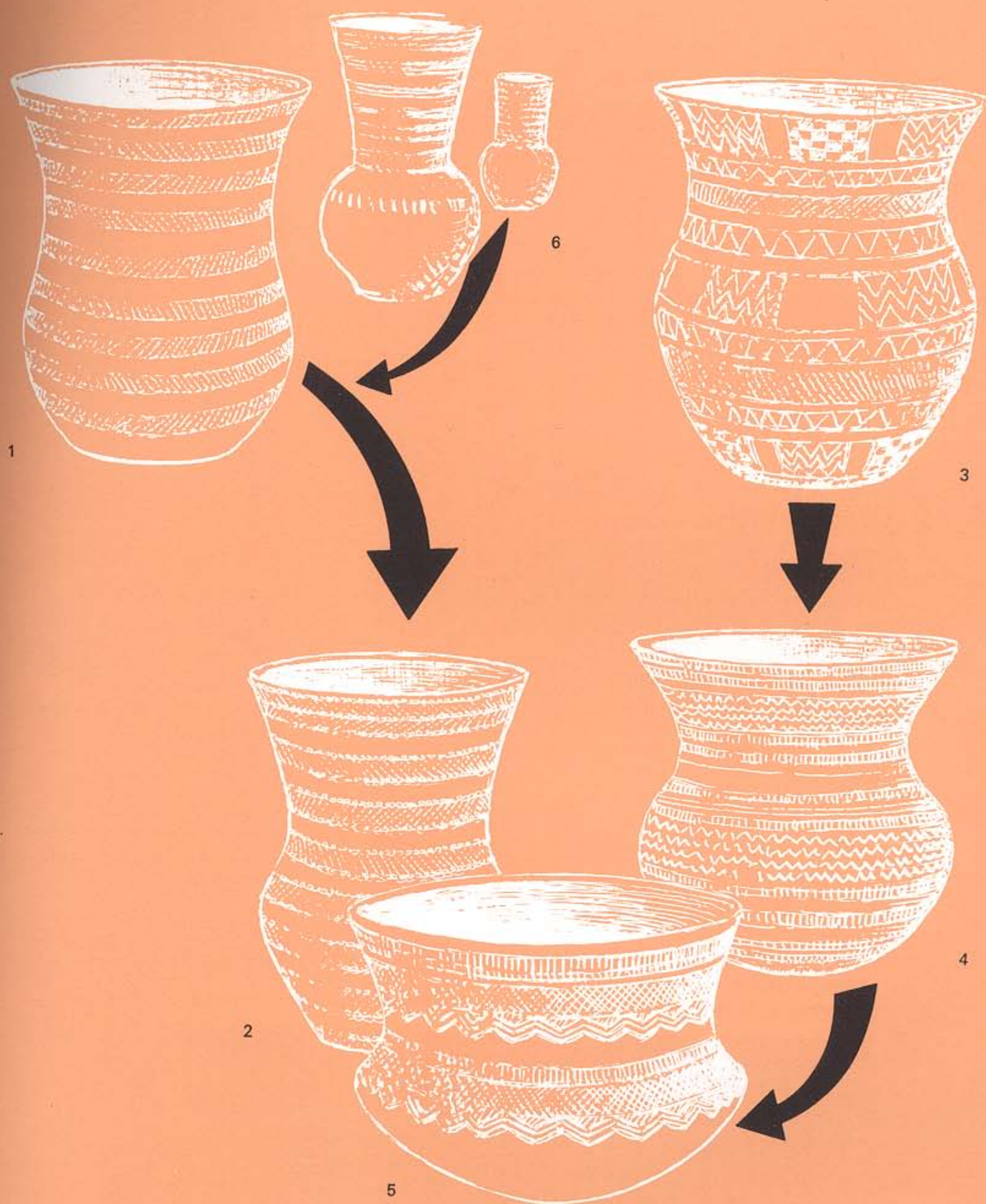
Decoração incisa estilizando folhas compostas (folhas de acácia)

Quanto aos vasos de Gabela descritos no cap. I, que mostram decoração incisa estilizando folhas compostas (folhas de acácia), diremos que nos sugerem comentários que conduzem a posição equivalente à que tomámos relativamente ao campaniforme de Lucenga, no que seja aplicável.

Assim, a semelhança desta decoração produzida pelos actuais oleiros de Gabela com as que vemos em certos vasos cerâmicos pré-históricos do nosso território — estes frequentes entre materiais de uma cultura cronologicamente anterior à campaniforme —, será também, julgamos, resultante de **convergência etnológica**. Tal decoração, fácil de obter pela aplicação de um instrumento terminado em ponta, pode ter ocorrido a qualquer oleiro de qualquer etnia, em qualquer região e em qualquer época.

E em que estações pré-históricas portuguesas têm aparecido? Referiremos apenas três estações, duas porque as conhecemos bem — Olelas e Lapa do Fumo —, outra — Rio Maior — porque depositamos confiança em quem sobre elas nos prestou esclarecimentos.

Em Olelas (Sintra), em Julho de 1957, Eduardo Serrão com o arqueólogo Eduardo Prescott Vicente identificaram tal cerâmica (em quantidade



1 — Vaso campaniforme ocidental 2 — Tipo ocidental combinado com a decoração de «cordas»
 3 — Tipo oriental 4 — Ciempozuelos 5 — Palmela
 6 — Cerâmica renana com decoração de cordas

apreciável) num estrato bem definido (13), entre 70 cm e 100 cm de profundidade, situado sob outro atribuível à cultura campaniforme.

Na Lapa do Fumo (Sesimbra), o mesmo estilo cerâmico foi identificado por E. Serrão e pelo arquitecto Gustavo Marques, em estratos indiscutivelmente diferenciados daqueles que continham cerâmicas do estilo campaniforme e de outros posteriores. Aqui, tal cerâmica mostra-se, pela posição estratigráfica e pelas associações, bastante arcaica, podendo atribuir-se-lhe uma antiguidade de 5000 anos ou mais (os resultados destas escavações estão em publicação).

Também há exemplares semelhantes no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, que nos foram mostrados pelo Prof. Dr. Manuel Heleno. Provêm de Rio Maior, gruta n.º 1 da Senhora da Luz, e, segundo informação do referido professor estavam associados a artefactos do neo-eneolítico, o que condiz com os dados estratigráficos de Olelas e da Lapa do Fumo.

Na referida Lapa do Fumo foram recolhidos espécimes facilmente reconstituíveis, que nos provam só haver paralelismo com os vasos angolanos actuais de Gabela no que respeita à decoração.

Os formatos são muito diferentes. Os vasos do Fumo são em forma de saco, com fundo redondo e mostram duas pegas perfuradas, com apêndices, alternando com dois mamilos.

Os vasos de Gabela têm fundo plano e não têm pegas.

Mesmo assim, este caso especial de paralelismo deve, tanto como o do vaso de Lucenga de tipo campaniforme, pôr os arqueólogos alerta quanto à possibilidade de em quaisquer épocas, quaisquer ambientes, aparecerem tipos cerâmicos tomados como exclusivos de um único quadro cronológico ou cultural.

Portanto, e se os problemas de que tratámos atraíram alguns leitores para o apaixonante campo da paleoetnologia, que não se aventurem nele julgando suficiente o gosto, a inteligência e o espírito da improvisação. Impõe-se que, prévia e convenientemente, se assimile o fundamental de um vasto conjunto de conhecimentos sobre maneiras de proceder, pouco prometedores para quem veja na arqueologia uma atraente e leve aventura, e talvez então se possa escavar regularmente, como ensinam Leroi-Gourhan, Mortimer Wheeler e Kathleen Kenyon; se tenha a noção de que é imprescindível estudar e analisar,

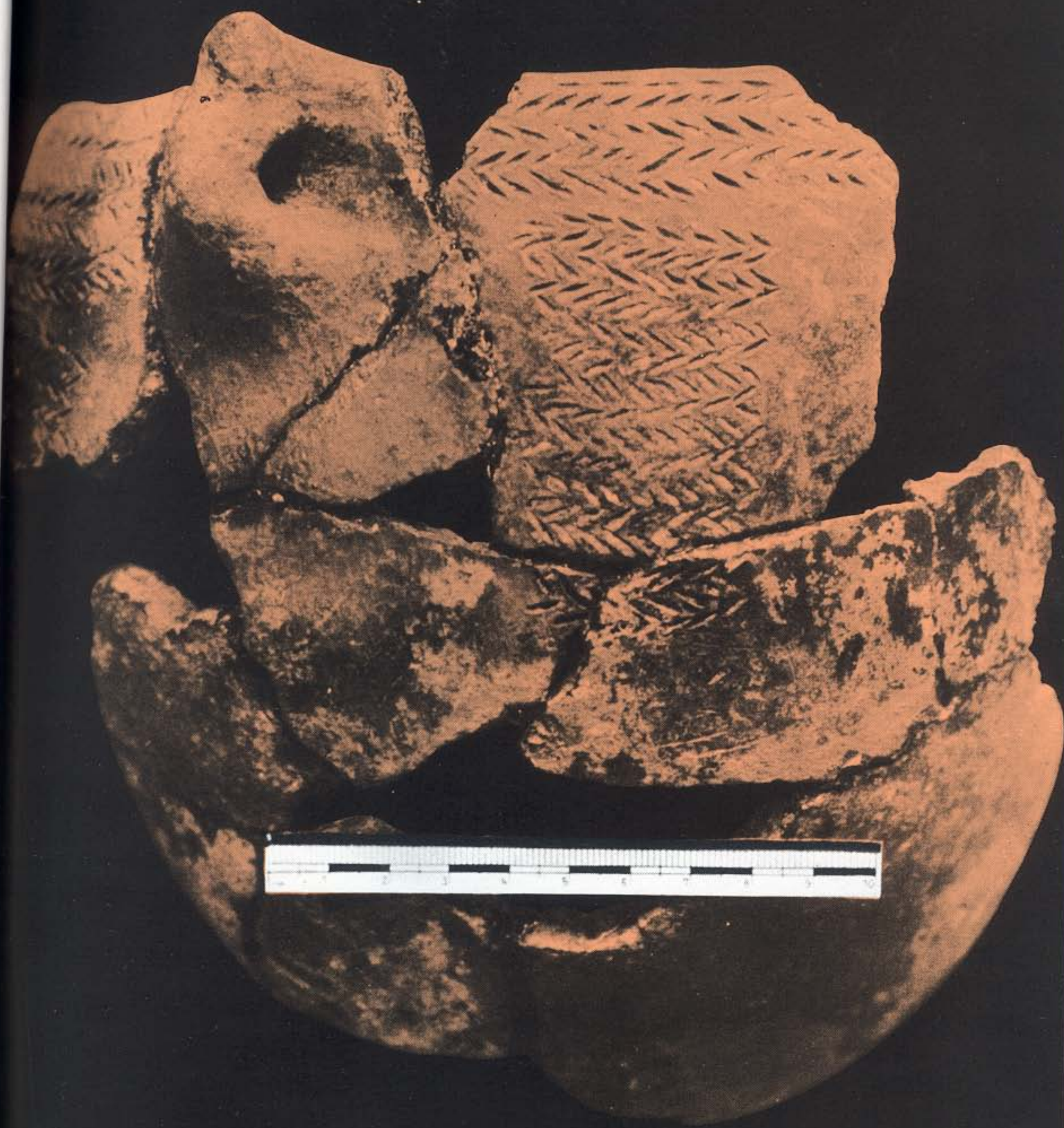
por meio de métodos científicos, os materiais exumados de acordo com a experiência (suficientemente divulgada) de A. Laming, Cornwall, Atkinson, Semenov, etc.; e de que tudo isto de pouco vale se não se interpretarem bem todos os dados obtidos (1). Só assim se fará ciência, ciência que constantemente suspeita das suas hipóteses e conclusões, que constantemente duvida do que parece evidente, que confere e reajusta as suas leis ... Ciência, enfim.

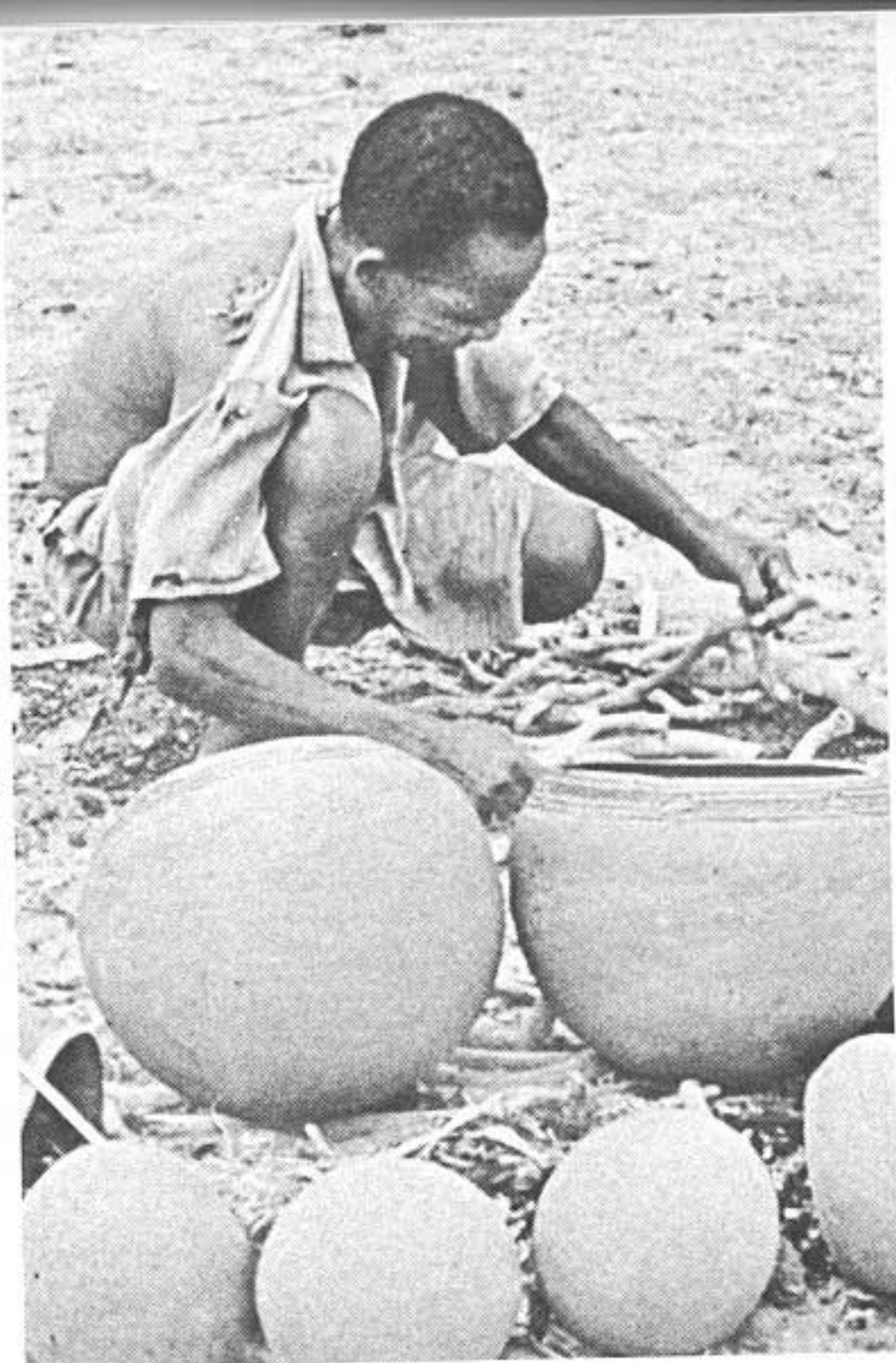
BIBLIOGRAFIA

- (1) V. Gordon Childe — *Piecing together the past. «The interpretation of archaeological data»*, 1956.
- (2) V. Gordon Childe — *The dawn of European civilization*. Traduzido em 1949 para francês sob o título: «L'Aube de la Civilisation Européenne». Da obra em inglês há uma segunda impressão (1961) da 6.ª edição, revista e aumentada.
- (3) Harald de Sicard — *Relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África*, na «Revista de Guimarães», vol. LXXIV, n.ºs 1-2, 1964.
- (4) Kunz Dittmer — *Etnologia General*, 1960.
- (5) Alexandre Mongait — *L'Archéologie en URSS*, 1959.
- (6) M. Vaultier e O. da V. Ferreira — *Vasos do tipo campaniforme de países longínquos*. Em «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia», 1959.
- (7) O. da Veiga Ferreira — *A cultura do vaso campaniforme no concelho de Cascais*, 1964.
- (8) A. do Paço — *Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais*. Em «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia», 1959.
- (9) J. Maluquer de Motes — *Nuevos hallazgos de la cultura del vaso campaniforme en la Meseta*. Zephyrus, 1960.
- (10) V. G. Childe — *The Prehistory of European Society*. Traduzido em 1960 para português sob o título: «A Pré-História da Sociedade Europeia».
- (11) Beatrice Blance — *The Argaric Bronze Age in Iberia*. Em «Revista de Guimarães», 1964.
- (12) Edward Sangmeister — *Los vasos campaniformes portugueses en el marco de las culturas del vaso campaniforme europeo*. Em «Arqueologia e História», 1966.
- (13) E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente — *O castro eneolítico de Olelas*. Em «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», tomo XXXIX, 1958.
- (14) É vasta a bibliografia sobre a cultura pré-histórica do vaso campaniforme. Além das publicações que citámos nas notas anteriores, e para quem pretenda aprofundar o assunto, recomendamos o estudo de Alberto del Castillo — *La gran cultura hispánica del pleno Eneolítico, El vaso campaniforme e Expansión de la gran cultura hispánica del vaso campaniforme fuera del territorio peninsular*. Em «Historia de España», dirigida por Ramón Menéndez Pidal, Tomo I, 1954, vol. I, e «Cultura Megalítica portuguesa y Culturas españolas», por P. Bosch-Gimpera, em «Revista de Guimarães» vol. LXXVI, n.ºs 3-4, 1966.

Vaso neo-eneolítico da Lapa do Fumo (Sesimbra), com decoração incisa estilizando folhas compostas (folhas de acácia)

is
-
l,
e
s
a,
s
e
e





Cerâmica disposta em círculo para cozedura.

résumé

POTERIES D'ANGOLA

Parallèles entre quelques exemplaires actuels d'Ambrizete et de Gabela et des types pré-historiques européens

Un des auteurs (L. S.) a identifié à Gabela et à Ambrizete (Angola) des vases en céramique fabriqués par les indigènes actuels, vases qui, par leurs décorations (incises) et leur forme, peuvent être considérés comme les parallèles ethnologiques de types céramiques spécifiques de certaines cultures préhistoriques européennes, en particulier un vase du type campaniforme découvert dans le village abandonné de Lucenga (Ambrizete). En collaboration avec l'autre auteur de cet article (E. S.), il étudie le phénomène qui les conduit l'un et l'autre à supposer qu'il s'agit d'une convergence ethnologique, bien qu'un certain courant admette la pénétration d'éléments culturels préhistoriques européens sur le continent africain, qui se sont propagés le long des littoraux oriental et occidental de ce continent et aussi à travers le Sahara, jusqu'au Niger, à la région du Zambèze, etc. (André Berthelot, Dominique Wölfel, E. Andersson, H. Baumann, Harald de Sicard, etc.).

Mais, suivant l'opinion des deux auteurs, qu'il résulte ou non d'une convergence ethnologique, le phénomène soulève, accessoirement d'autres problèmes, ceux-ci d'ordre archéologique, d'autant plus que certains ethnologues ont déjà constaté que l'on fabrique des vases de ce type campaniforme dans l'Inde, en Amérique du Sud et en Malaisie.

Or, ces exemples démontrent que ce style céramique peut apparaître en-dehors de son milieu culturel classique et il semble que l'on puisse admettre que, même dans les régions et aux époques où l'on prétend situer une ancienne culture du vase campaniforme bien individualisée, en conséquence du phénomène de convergence ethnologique, des copies et même échanges d'articles, des peuples de cultures différentes aient pu laisser un symptôme archéologique (céramique), qui apparemment les agglutine.

Ajoutons que les archéologues ne sont pas encore parvenus à définir avec rigueur une homogénéité générale d'ensembles d'articles qui devraient être associés aux vases campaniformes (ce n'est que dans quelques régions que l'on peut y parvenir, mais en contradiction avec les associations constatées dans d'autres), non plus que le foyer ou les foyers d'origine de la culture respective, les voies de diffusion, les influences exercées et reçues relativement à d'autres cultures, les types de céramiques purs ou dégénérés, etc.

Par conséquent il semble que les exemples discutés et les conclusions auxquelles ils donnent lieu, constituent un avertissement à la recherche archéologique dans le sens de l'observance rigoureuse d'une de ses règles d'interprétation (d'ailleurs fondamentale mais que l'on oublie quelquefois) à savoir: une culture préhistorique ne peut être identifiée que par des ensembles de divers articles, associés entre eux d'une manière indiscutable, association qui doit être constatée à plusieurs reprises, marquant des emplacements bien définis, des zones de distribution géographique également définies (V. Gordon Childe). En conséquence, jamais une station archéologique ne devra être attribuée à une culture déterminée en raison de la simple apparition d'un seul de ses types archéologiques, même s'il est très caractéristique.

Ces considérations et ces concepts, exposés à propos de la céramique et de la culture campaniforme, s'étendent aux autres vases de l'Angola, parallèles d'autres types de céramiques pré et post campaniformes.